



Periferia

ISSN: 1984-9540

periferiauerj@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Brasil

Pimentel, Mariano
MEME, EDUCAÇÃO E INTERATIVIDADE: ENTREVISTA COM MARCO SILVA
Periferia, vol. 11, núm. 1, 2019, -, pp. 231-239
Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552159357006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Mariano Pimentel¹

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO



Marco Silva

Sociólogo e doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá (RJ). Professor da Faculdade de Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Membro da diretoria da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCIBER). Autor dos livros *Sala de aula interativa* (Rio de Janeiro, 2000) e *Educación interactiva: enseñanza y aprendizaje presencial y on-line* (Madrid, 2005). Coordenador dos livros *Educação online* (São Paulo, 2003) e *Avaliação da aprendizagem em educação online* (São Paulo, 2006). Autor de diversos textos sobre educação, pós-modernidade, interatividade e tecnologias digitais. Pesquisa sobre sala de aula interativa presencial e online, docência online, aprendizagem na cibercultura e avaliação da aprendizagem em cursos online.

Mariano Pimentel: *O que você acha dos memes? Algum meme se tornou “memorável” para você? Conte-nos de suas experiências e afetos com relação aos memes da internet.*

Marco Silva: Vi excelentes, mas não me lembro de nenhum. O meme não é feito para ficar na memória. O meme mais potente é essencialmente pontual, voltado para algo singular e de um instante. Basta olhar o termo no Google Imagens. Nem sempre lembramos do sentido

¹ Doutor em Informática pela PUC-Rio (2006), Mestre em Informática pelo NCE-UFRJ (2002), e Bacharel em Informática pela UFRJ (1999). Professor Associado do Departamento de Informática Aplicada da UNIRIO. É coordenador do grupo de pesquisa ComunicaTEC, focado no desenvolvimento do projeto "Tagarelas: rede social de bate-papo". É colaborador no grupo de pesquisa GPDOC - Grupo de Pesquisa Docência e Cibercultura, do ProPEd/UERJ. pimentel.mariano@gmail.com



daqueles que talvez tenhamos visto. Não tenho experiência de afetos com memes exatamente por isso. Considero o afeto na perduração de uma relação e não na efemeridade de uma unidade de informação voltada para um instante. Seriam as charges na era das mídias sociais? As charges foram criadas no início século XIX, com o crescimento dos impressos, para satirizar políticos ou situações políticas do momento. Mesmo que reprimidas até com a morte de chargistas, ganhou adesão social e passou a servir também para exprimir uma reação a quaisquer fatos, ideias, acontecimentos, pessoas mais ou menos conhecidas e geralmente com deboche e crítica. O mesmo ocorre com os memes na era das redes sociais, feitas de liberação da autoria e da conectividade através de smartphones, tablets e laptops. Sei que podemos ter afetos incríveis por um instante, mas não quando se trata de memes.

(Pimentel) Memes da internet, como “viralização” de uma informação por meio de uma imagem ou de um vídeo curto, é um dos fenômenos da cultura digital. O que os memes nos dizem sobre a nossa sociedade contemporânea?

(Silva): Os memes são expressão de crítica, deboche, ironia a algo ou alguém mais ou menos conhecido. A viralização na internet e sua natureza pontual potencializam a velocidade e a superficialidade criticadas por Paul Virilio. Esse autor acredita que a internet acelerou ainda mais o processo informacional já exacerbado nas mídias tradicionais. Ele acredita que estamos vivendo a era da “dromologia” (dromos = corrida), onde a pressa dita o ritmo e a medida de todas as coisas. Em consequência, ele vê crescimento elevado da negação da reflexão e intensificação da superficialidade. Não podemos negligenciar essa abordagem, porém nosso dever é enfrentar essa perspectiva real, medonha sem tomá-la como determinista do nosso presente e futuro. Afinal, para que serve a educação? Respondo com Ferreira Gullar, que sintetiza muito bem a tradição iluminista que vem da Grécia: a finalidade da educação é elevar o animal humano à cidadania. Essa finalidade humanista da educação resiste há milênios. Os memes podem corroborar a resistência em favor da comunicação e da educação autênticas. Ou podem ser mais um instante de riso irônico sobre algo a ser esquecido. A utilização dos memes dependerá da didática do professor e da atuação discente na sala de aula presencial e online.

(Pimentel) O termo “meme” foi definido por Richard Dawkins como sendo uma “unidade de transmissão cultural” no livro O Gene Egoísta (The Selfish Gene), publicado em 1976. Essa definição tem sido muito criticada... Você também a critica? Por quê?



(Silva): Meme é um fenômeno da cultura digital. Está baseado na divulgação da expressão autoral, crítica, irônica, no local e no global conectados. O que o criador do termo quer dizer com a expressão “transmissão cultural”? Estaria ele dizendo que os memes podem transmitir valores, mentalidades, ideologias, comportamentos, costumes? A cultura é engendrada socialmente num terreno complexo, onde também os memes podem exercer influência na correlação das forças em jogo. Se tomarmos o conceito de complexidade em Morin, veremos que os memes interferem no social e o social interfere neles. Ele fala em “causalidade mútua inter-relacionada”, “inter-retroações”, “sinergias”, “interferências” e “dialógica”. Na natureza e na cultura, nada é somente unidirecional, como expressa o verbo transitivo “transmitir”. “A” interfere em “B”, que interfere em “A”, que interfere em “B”... recursivamente. Para Morin, recursividade é um fundamento do pensamento complexo. Isso nos ajuda a entender que os memes mudam para contemplar o social e o social muda por influência dos memes. Por isso que, no lugar de “unidade de transmissão cultural”, considero mais adequado apenas “unidade de informação”, ainda que essa expressão sirva também para definir bit ou simplesmente o ponto no final de uma frase.

(Pimentel) O presente número temático desta revista está intitulado “Memes e Educação: práticas educativas na cibercultura”. Como você pensa o uso de memes na educação?

(Silva): Um meme pode ser usado como tema gerador de autoria, interlocução e colaboração em sala de aula presencial e online. Professor e estudantes podem adotar os memes no processo de construção da comunicação, do conhecimento técnico e da formação humana. Como imagem ou vídeo, os memes são material pedagógico a ser operado na lógica do audiovisual ou na lógica da interatividade. Na lógica do audiovisual, um meme é uma unidade de informação transmitida pelo emissor separado do receptor. Ele vem finalizado pelo seu criador, restando ao receptor a contemplação imaginal. Na lógica da interatividade, o meme perde a identidade de apresentação-para-a-recepção e passa a conter disposições para a intervenção física que abre o interator, não mais espectador, a oportunidade da coautoria na criação continuada do meme proposto como obra aberta. A diferença é que, na cultura do audiovisual, o meme gera intervenção imaginal do espectador e, na cultura digital, o meme pode superar o produto pronto pelo processo de modificações físicas, autorais e colaborativas dos interatores. Essa distinção nos faz ver que os memes, entendidos como fenômeno da cultura digital, ainda estão na lógica do audiovisual. Para contemplarem a intervenção física deverão ser propostos em ambientes baseados em wiki. Assim como nos



verbetes da Wikipedia, os memes poderão ser modificados em sua natureza feita de bits, sentidos e significados. Portanto, tratando-se da educação na cibercultura ou na cultura digital, particularmente no contexto das mídias sociais, isto é, onde o social tem autoria e colaboração liberadas, o uso audiovisual ou interativo dos memes dependerá principalmente do suporte técnico e da autoria do professor. O professor tem o meme como unidade de informação transmitida na lógica do audiovisual ou como obra aberta proposta. Em ambos os casos, como tema gerador de autoria, interlocução e colaboração em sala de aula presencial e online.

(Pimentel) No prefácio do livro WhatsApp e educação: entre mensagens, imagens e sons, publicado no ano passado (2017), você inicia afirmando: “Costumo dizer: se estivessem vivos hoje e fossem incluídos ciberculturais, Paulo Freire, Vygotsky, Freinet, Dewey e Anísio Teixeira saberiam tomar a Web 2.0 ou a internet social e suas redes sociais como aliados capazes de materializar a ação comunicacional da educação autêntica, presencial e online, feita de conectividade, autoria, compartilhamento, colaboração, dialogia e interatividade.” Você acha que esses renomados pensadores da educação também usariam os memes em suas práticas educativas? Por quê?

(Silva): Retomo minha resposta anterior para dizer que, incluídos digitais ou não, Freire, Vygotsky, Freinet, Dewey e Anísio Teixeira usariam memes como temas geradores de autoria, interlocução e colaboração em sala de aula presencial e online. Porém, se forem incluídos ciberculturais sintonizados com a interatividade favorecida na web 2.0 ou nas mídias sociais, desejariam explorar os memes como obra aberta proposta à autoria, interlocução e colaboração. Não somente como unidade de informação, mas como proposição à interatividade entendida como intervenção física coautoral na obra. Para entender essa docência interativa, remeto ao meu texto “Pedagogia do parangolé”, onde mostro que a obra de arte de Hélio Oiticica pode inspirar a sala de aula na cibercultura ou cultura digital. Esse artista plástico criou os parangolés como obras participacionistas, isto é, propostas ao público não como quadro ou escultura a ser contemplada, mas como ambiente de coautoria. Assim, o parangolé rompe com a unidirecionalidade na obra de arte. O parangolé é pura proposição à participação ativa do interator. Trata-se de participação sensório-corporal e semântica e não de participação mecânica meramente reativa. Oiticica quer a intervenção física na obra e não somente a intervenção imaginal separada da proposição. O interator é solicitado à completação dos significados propostos no parangolé. O indivíduo veste (adentra e opera com) o parangolé que Oiticica concebeu como capa tridimensional de tecidos



coloridos que se revelam à medida que o indivíduo se movimenta correndo ou dançando, solitária ou coletivamente. Diante de um meme inspirado no parangolé, cada estudante não está mais reduzido a olhar, ouvir, assistir. Ele está livre para criar, modificar, construir, aumentar, tornando-se coautor com o proponente. Exatamente como ocorre com o parangolé, em vez de se ter a obra acabada, o que se tem são seus elementos plásticos dispostos à manipulação. O professor propõe o meme aos estudantes como campo de possibilidades e, assim, garante a emergência de significações livres e plurais, sem perder de vista a coerência com a opção crítica embutida no projeto de aprendizagem.

(Pimentel) Identifico que alguns professores usam os memes para produzir conteúdos para os alunos, o que considero uma nova roupagem para a velha prática de “transmissão de informação” que você vem denunciando desde o seu livro Sala de Aula Interativa. Aliás, alguns professores acreditam que usar novas linguagens e mídias na educação é revolucionário. O que você tem a dizer para esses professores?

(Silva): Sim, é certo que professores estejam adotando memes como conteúdos para os estudantes considerados receptores, mantendo assim a velha prática de “transmissão de informação”. Isso ocorre uma vez que ainda prevalece a docência incapaz de superar a força do hábito consolidado historicamente como unidirecionalidade nos meios imprensa, rádio, cinema e tv. No livro *Sala de aula interativa* desenvolvi o conceito de interatividade e também sugestões de interatividade aos professores presenciais e online. Nessa obra procuro mostrar que interatividade é um conceito da teoria da comunicação muito bem-vindo à educação presencial e online, porque diz respeito à materialidade da comunicação em que ocorrem as aulas desenvolvidas com base em democracia, interação, colaboração, dialógica, conectividade, autoria e cocriação. Quer dizer, cocriação da mensagem a partir da colaboração efetiva entre emissor e receptor. Para garantir interatividade, é preciso investir na disponibilização consciente de um mais comunicacional de modo expressamente complexo, presente na mensagem e previsto pelo emissor, que abre ao receptor possibilidades de responder ao sistema de expressão e de dialogar com ele. Com base nesse entendimento, podemos perguntar: como os docentes podem lançar mão dos memes e da interatividade para potencializar a docência, a comunicação, a aprendizagem e a formação humana? Podemos destacar pelo menos cinco linhas de engajamento do professor: 1) propiciar oportunidades de múltiplas experimentações e expressões; 2) disponibilizar uma montagem de conexões em rede que permita múltiplas ocorrências; 3) provocar situações de inquietação criadora; 4) arquitetar colaborativamente percursos hipertextuais; e 5)



mobilizar a experiência do conhecimento. São agenciamentos de comunicação a ser implementadas pelo docente em colaboração com os discentes. São capazes de atender ao perfil da geração digital que emerge com a cibercultura e de mobilizar os professores a promoverem uma modificação qualitativa na docência e na pragmática da aprendizagem. De meros disparadores de memes como lições-padrão na lógica unidirecional um-todos, estão convocados a se converterem em formuladores de interrogações, coordenadores de equipes de trabalhos, sistematizadores de experiências e mobilizadores da comunicação e da colaboração todos-todos. Eles têm o legado de Dewey, Vygotsky, Freinet, Paulo Freire e Anísio Teixeira, entre outros (democracia, interação, colaboração e dialógica), e a dinâmica comunicacional emergente na cibercultura (conectividade, autoria, colaboração, interatividade), afortunadamente em sintonia e a favor da educação autêntica em nosso tempo.

(Pimentel) Identifico, também, que alguns professores colocam os próprios alunos para produzir memes, numa perspectiva autoral. Tenho dúvidas se essa prática realmente garante a interatividade que você defende para a educação contemporânea. Como você pensa essa questão? De que modo os memes podem ser usados para promover a interatividade no cotidiano escolar?

(Silva): O que responder além do que já respondi na questão anterior? A produção de memes por estudantes pode ser uma valiosa atividade de aprendizagem. Para que haja interatividade, a mediação docente deverá mobilizar o ato da produção de memes como autoria e colaboração efetivas. Ao mesmo tempo, deverá garantir também uma disposição embutida em cada meme para a expressão da interatividade. Ou seja, uma coisa é disposição para a interatividade garantida na criação dos memes. Outra coisa é a disposição para a interatividade presente no meme. No lugar do meme como obra acabada, há seus elementos plásticos dispostos à manipulação, como campo de possibilidades capaz de garantir a emergência de significações livres e plurais.

(Pimentel) Como você pensa o uso de memes na formação de professores?

(Silva): Muito bem-vindos, como o são na formação de estudantes. Como já disse, em educação um meme precisa ser usado como tema gerador de autoria, interlocução e colaboração em sala de aula presencial e online, e não como unidade de informação a ser assistida solitariamente pelo espectador. Esse *modus operandi* já é bem conhecido dos professores. Não será preciso formação para reforçar o que historicamente se consolidou: a



unidirecionalidade, a transmissão. A formação de professores precisa investir na construção da materialidade da comunicação interativa. Não basta o discurso ideal para o qual está claro que é preciso participar, colaborar. É preciso saber cuidar da materialidade da comunicação que favorece a participação-intervenção autoral e coletiva dos atores em sala de aula presencial e online. A formação de professores deverá ser capaz de desenvolver com os docentes-formandos interatividade na prática na construção dos conhecimentos específicos e da formação humana. A cibercidadania será contemplada com *expertise* em autoria e coautoria online. Fora isso, será agravar a exclusão digital, ainda que se faça uso de computador e smartphone. Ser solitário nas redes é ser excluído. A cidadania, o mercado, a arte, o entretenimento, o trabalho, entre outros, serão cada vez mais autorais e colaborativos na web. Mais uma vez retomo as expressões “web 2.0” e “mídias sociais” para situar o cenário sociotécnico de onde falo. Existir na cibercultura requer sair da condição solipsista cartesiana do “penso logo existo”. Ganha espaço o “interajo, colabro, compartilho... logo existo”! A formação de professores precisa materializar a ambência comunicacional capaz de formar para essa realidade. Sabendo que cuidar da materialidade da comunicação requer favorecer intencionalmente a participação sensório-corporal e semântica e não de participação mecânica meramente reativa. Com base nesse entendimento, penso que o uso de memes na formação de professores precisa mobilizar a interatividade.

(Pimentel) Você trabalha com memes nas disciplinas que você leciona? Por quê?

(Silva): Trabalho com memes em imagem e vídeo, ainda como unidade de informação na lógica do audiovisual. Porém, faço deles temas geradores de interlocução e colaboração na sala de aula presencial e online. Quando o meme é texto, prefiro trabalhar com ele à maneira do parangolé, entendido como unidade de interlocução e coautoria e não como unidade de informação. Na tela do computador e do smartphone, o meme parangolé é proposição à completação física, autoral e coletiva, e não à contemplação solitária do espectador. Para operar com esse meme, precisamos de plataformas que permitam autoria e coautoria na intervenção física. Um meme parangolé deverá ser obra aberta a intervenções colaborativas na sua cocriação física. Como imagem, texto, som, gráfico, entre outros, são ideias ou partes de ideias que podem ser operadas facilmente como unidade autônoma. Prefiro trabalhar com o meme em texto no Google Docs ou em uma página wiki, onde os usuários podem criar e editar online, ao mesmo tempo colaborando em tempo real com outros usuários. Para memes em áudio, vídeo e imagem, aguardo um app capaz de contemplar em tempo real a



edição autoral e coletiva de conteúdo em rede social na web. Algo mais potente em interatividade do que uma mistura de Audacity com Podcasting. Existe?

(Pimentel) Memes costumam nos fazer rir. Mas, como potência para viralizar informações, também podem ser um meio para difundir o discurso de ódio, as fake news e outras mazelas de nossa sociedade contemporânea - afinal, piadas também servem como instrumento para perpetuar preconceitos. Os memes o preocupam? O que nós, como professores, podemos fazer para enfrentar os problemas de nossa sociedade contemporânea?

(Silva): Não, os memes não me preocupam. Assim como nunca me preocupei com as charges. Exatamente porque os considero geradores de autoria e colaboração, e não meramente unidades de transmissão. Porém, quando são fake news, me preocupam, por que são feitos intencionalmente para ludibriar, falsear. É o que há de mais medonho nas redes sociais, juntamente com terrorismo, misoginia, machismo, pedofilia, entre outros delitos. Para enfrentar esses problemas da nossa sociedade contemporânea, os professores precisam superar a prevalência da pedagogia da transmissão e do conteudismo. Ao mesmo tempo, será preciso desenvolver nos estudantes a leitura crítica que não se contenta com o que diz um meme e que busca esclarecimento através da interlocução ampla nas mídias sociais. Refiro-me ao mesmo olhar crítico, autoral e colaborativo que devemos ter diante dos conteúdos veiculados nas mídias tradicionais, impressos, rádio, cinema e tv. Certamente que a formação desse olhar precisa ser tarefa cotidiana dos professores em parceria com os estudantes. Certamente que aqui não há lugar para a neutralidade aventada pelos equivocadíssimos adeptos do projeto “Escola sem partido”.

(Pimentel) O que os memes nos fazem (re)pensar em termos de Didática e de Currículo?

(Silva): Didática é a arte da construção autoral e colaborativa da comunicação e do conhecimento mediada pelo professor em sala de aula presencial e online. E currículo escolar é o campo permeado de ideologia, cultura e relações de poder em que se situa a didática. Os memes dependerão da didática do professor e do currículo escolar. Tradicionalmente, a didática está baseada na unidirecionalidade conteudista. A concepção de currículo que contempla essa didática representa o instituído nos sistemas de ensino, balizado por Diretrizes e pela comunidade escolar. Se a didática opera a partir do legado de Dewey, Vygotsky, Freinet, Paulo Freire e Anísio Teixeira, entre outros, e a dinâmica comunicacional da cibercultura, supõe-se que o currículo sustente essa opção. Na abordagem tradicional, os



memes serão bem-vindos como unidade de conteúdo transmitido para o estudante solipsista.

Na abordagem interativa, quando o currículo escolar se constitui como base de sustentação dessa opção crítica de educação, os memes serão tomados como temas geradores de interatividade e de formação cidadã no espaço e no ciberespaço.

